

ciência

Marcia Barbosa ‘Assédio sexual é algo frequente dentro das universidades do país’

Segundo a professora titular do Instituto de Física da UFRGS, apesar dessa realidade, instituições preferem fingir que problema não existe

ENTREVISTA

Fernando Tadeu Moraes

SÃO PAULO A pesquisadora Marcia Barbosa, 58, divide seu tempo entre o estudo das propriedades químicas e físicas da água e a luta contra o assédio sexual na universidade e a favor da igualdade de gênero na ciência.

Professora titular do Instituto de Física da UFRGS e membro titular da Academia Brasileira de Ciências — onde a participação feminina é de meros 14% —, ela percorre o país denunciando injustiças e violências que atingem e ferem mulheres nas universidades e centros de pesquisa nacionais.

Num momento em que denúncias de assédio sexual grassam nos mais diversos ambientes profissionais, Barbosa deixa claro que a academia não constitui exceção. Pelo contrário. “Assédio é algo frequente dentro da universidade”, disse à Folha a pesquisadora, que já foi vítima da prática. Apesar disso, afirma, as instituições ainda preferem fingir que esse problema não existe.

Barbosa teme que seja preciso um grande escândalo para que esse silêncio seja rompido. “Eu noto que as meninas hoje verbalizam muito mais aquilo que elas discordam do que as da minha geração, e vai chegar uma hora em que elas vão abrir a boca para denunciar.”

*

O assédio sexual é algo comum dentro da universidade? Sim, é algo frequente. Eu constato isso no fato de que todas as vezes em que eu falei sobre o tema nos últimos anos, nos mais diversos lugares, mulheres vieram me procurar depois das palestras para contar que elas passaram por isso dentro da universidade. Um dos poucos dados que temos sobre o assunto vem de uma pesquisa feita

pelo Instituto Avon em 2015, na qual 56% de alunas de graduação e pós disseram ter sofrido assédio de professores, estudantes e técnicos.

É comum mulheres dizerem que não vão trabalhar em determinada área por medo de assédio. Mais do que uma questão individual, o assédio é um fenômeno de exclusão.

Se o assédio é frequente, por que os casos não vêm à tona? A principal razão é o medo que

as vítimas têm. Medo de serem retaliadas, de ninguém acreditar nelas, de ficarem marcadas, de serem prejudicadas.

Além disso, os órgãos competentes não são preparados para a tarefa. Eles não conseguem nem fazer a pessoa se sentir confortável para contar um caso de assédio.

Outro fator é o ambiente de negação. O professor e a professora corretos, que constituem a maioria dos docentes, em geral não acreditam que

um colega seja capaz de assediar alunas. Fica parecendo que o problema não existe.

E o que é preciso para que esse silêncio seja rompido? Meu maior temor é que isso só ocorra em decorrência de um grande escândalo. Eu noto que as meninas hoje verbalizam muito mais aquilo que elas discordam do que as da minha geração, e vai chegar uma hora em que elas vão abrir a boca para denunciar.



Marcia Barbosa, 58

Nascida no Rio de Janeiro, é professora titular do Instituto de Física da UFRGS e membro titular da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu a Medalha Nicholson (2009), o Prêmio L'Oréal-UNESCO para mulheres na ciência (2013). Possui graduação (1981), mestrado (1984) e doutorado (1988) em física pela UFRGS

Enquanto só uma ou outra falar, vão dizer que é mentira, que são loucas, mas quando elas se unirem, quando cinco ou seis se levantarem e acusarem a mesma pessoa, vai se iniciar um processo disruptivo e descontrolado dentro da universidade, algo como o movimento “me too” nos EUA. E junto com os muitos casos verdadeiros, acabarão vindo também os falsos positivos.

A universidade deveria se preocupar, porque esse processo pode miná-la seriamente. A outra opção é que as instituições resolvam olhar para si e busquem corrigir esse problema, mas a universidade ainda prefere fingir que esse problema não existe.

O que a universidade poderia fazer para reduzir o problema? Em primeiro lugar, ter mais do que ouvidorias. Devíamos, por exemplo, ter um setor com psicólogos e profissionais com treinamento para lidar com pessoas.

A universidade também precisa regular esse assunto de alguma forma. Temos uma série de regras para os dados que produzimos e para os animais que usamos, mas não temos regras para o relacionamento entre as pessoas.

Por quê? Porque, no fundo, nós, da academia, zelamos pelo conhecimento. E já identificamos que a qualidade do tratamento dado aos animais, assim como a qualidade dos dados, é importante para a qualidade dos resultados. Mas nós ainda não nos demos conta de que, quando abusamos de outro ser humano, estamos prejudicando a produção de conhecimento.

É uma minoria que faz isso, mas ela inibe o processo criativo e educacional e a convivência dentro do meio acadêmico. Em universidades de países desenvolvidos é inaceitável que haja uma relação afetiva entre professor e aluno. Ponto. Assim, não se dá margem para mal-entendidos.

Para deixar claro, que práticas constituem assédio? A forma mais escancarada é aquela em que o cara te agarra à força, como já aconteceu comigo. Mas há formas mais sutis, por exemplo, um professor que acaricie as costas de uma aluna, como se a estivesse consolando, que fique segurando seu braço, tocando a pessoa por muito tempo, ou que sugira a ela um passeio a sós.

Comentários sobre a roupa que a pessoa está usando ou perguntar sobre se ela tem namorado parecem coisas ingênuas, mas por que um professor tem de perguntar isso?

Pode contar esse assédio que você sofreu? Aconteceu num evento científico no Brasil no final dos anos 1990. Eu ia sair para comer algo com um

pesquisador de outro país, mas estava carregando várias coisas, laptop etc. Ele me disse para deixar as coisas no quarto dele. Quando eu entrei, ele me agarrou. Eu disse “não, acho que isso é um mal-entendido”. Ficou um clima horrível, eu me despedi e fui embora para o meu quarto.

Ele era uma pessoa razoavelmente importante, editor de revista científica. Tive sorte de essa pessoa ser de outro país. Do contrário, as consequências teriam sido maiores.

Por quê? Na universidade, você é julgada por pessoas da mesma área para a concessão de uma bolsa, uma promoção, um prêmio. Quando uma pessoa assedia outra e esta não corresponde, pode haver retaliação, e é isso que muitas mulheres temem.

Se o assediador for o orientador, há um problema a mais, pois ou você o denuncia e tem que encerrar a orientação — perdendo anos de trabalho, uma bolsa — ou você vai ter que conviver com essa pessoa até o fim desse período. E o trabalho de pesquisa é um trabalho muito próximo. Você fatalmente vai acabar ficando a sós com essa pessoa de novo.

E como o assédio na universidade impacta a vida de quem o sofre? Há um aspecto perverso do assédio sobre a autoestima da vítima. Tome o caso de uma aluna que recebe muita atenção do seu orientador ou de um professor. Ela acha que essa atenção é devido à inteligência dela, à qualidade do trabalho que ela realiza. Quando essa aluna sofre um assédio, ela percebe que esse orientador ou professor estava só interessado no corpo dela, e isso é destruidor.

Nos últimos anos, vimos a emergência de muitos casos de assédio. Por que você acha que isso tem acontecido? O assédio sempre ocorreu, mas nos últimos tempos as pessoas não têm mais engolido as estruturas de poder que favorecem essa prática. No meu tempo, o que o professor falava era verdade; hoje, os alunos discutem, questionam.

Apesar dessa mudança de atitude, falta uma estrutura em que elas possam se apoiar e confiar, e a mídia ainda é uma instituição em que as pessoas confiam para denunciar coisas desse tipo.

Folha quer ouvir relatos de alunos e alunas sobre assédio

A **Folha** está colhendo histórias de universitários e universitárias que sofreram assédio sexual. Os relatos podem ser identificados ou anônimos. Escreva para saude@grupofolha.com.br

Crime no Matopiba

Desmata-se para produzir de forma insustentável e ainda perturbar o clima

Marcelo Leite

Jornalista especializado em ciência e ambiente, autor de “Ciência - Use com Cuidado”

É imprudente animar-se demais com a Operação Shoyo Matopiba do Ibama, que aplicou multas de R\$ 125,7 milhões a astros do agronegócio no cerrado (folha.com/liggainm). Uma parcela diminuta das autuações lavradas pela agência ambiental acaba de fato recolhida aos cofres da União.

Não faltam recursos administrativos para os infratores enrolarem no pagamento. Depois, há a possibilidade de recorrer à Justiça, que sempre tarda e quase sempre falha.

De todo modo, anima um

pouco ver o Estado nacional se mexer para fazer cumprir a lei (nada a ver com a greve-locaute dos caminhoneiros). Quem planta, vende ou compra soja cultivada em áreas embargadas pelo Ibama por desmatamento ilegal comete uma infração e tem de pagar por isso.

Foram apreendidas mais de 5 toneladas de soja (84 mil sacas). Em meio às 78 pessoas físicas e jurídicas flagradas no Maranhão, em Tocantins, no Piauí e na Bahia (MA-TO-PI-BA) estão gigantes da estatura

de uma Bunge e uma Cargill, que no entanto alegam consultar bancos de dados oficiais sobre áreas embargadas antes de comprar os grãos.

Podem ser que estejam caíndo, de boa fé, no engodo de alguns produtores. Pode ser.

Mas também pode ser que estão seguindo o exemplo de multinacionais como John Deere, fabricante de máquinas agrícolas que no cenário internacional assume compromissos para reduzir emissões de carbono enquanto seus representantes locais

pintam e bordam para agravar o aquecimento global.

O jogo duplo foi revelado nesta **Folha** por Patrícia Campos Mello e Avenor Prado. Em reportagem sobre o cerrado para a série Crise do Clima (folha.com/crisedoclima), uma concessionária de tratores Deere, a Agrosul, patrocina palestras em que o meteorologista Luiz Carlos Molion diz que não existe aquecimento global.

Não é a única empresa que faz tal afirmação de resultados do palestrante.

Contra tudo que a pesquisa científica vem mostrando com dados empíricos, Molion afirma que o CO2 não causa efeito estufa, que desmatamento não diminui chuvas e que o mundo vai na realidade se esfriar. Além de grana, Molion recebe aplausos dos ruralistas, assim como Jair Bolsonaro. Não há fórmula mais fácil de agradar do que falar o que as pessoas querem ouvir.

E esse povo não quer outra coisa a não ser carta branca para seguir desmatando. Mais da metade do cerrado já virou cinzas, e o Matopiba é a mais recente fronteira de devastação dessa savana rica em biodiversidade.

Estudo do pesquisador Tiago Reis já indicou que 5,6 milhões de hectares da soja plantada no cerrado estão em áreas de risco produtivo alto ou médio, por causa do clima e do solo desfavoráveis.

O levantamento foi noticiado em dezembro noutra reportagem de Patrícia Campos Mello (folha.com/101940904).

Só se ouve falar na derrubada da floresta amazônica (80% de pé ainda). Mas a destruição do cerrado acontece aqui e agora.

Pior, ela contribui com 11% de todo o carbono emitido pelo Brasil em 2016, último dado disponível. Ou o dobro da poluição climática lançada na atmosfera pela atividade industrial, calcula levantamento do Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa (Seg), um consórcio de ONGs.

Em resumo: desmata-se demais para produzir de forma insustentável e perturbar o clima do planeta. E ainda tem gente que acha que agro é pop, quando no Matopiba muito do que os ruralistas fazem é um crime.